

LIEV TOLSTÓI

Os últimos dias
de Tolstói

Tradução de

ANASTASSIA BYTSENKO

BELKISS J. RABELLO

DENISE REGINA DE SALES

GRAZIELA SCHNEIDER

NATALIA QUINTERO

Coordenação editorial

ELENA VÁSSINA

Seleção e introdução de

JAY PARINI



PENGUIN

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da seleção e introdução © 2009 Jay Parini

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL

Last Steps

The Late Writings of Leo Tolstoy

CAPA E PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA

Raul Loureiro, Claudia Warrak

PREPARAÇÃO

Leny Cordeiro

REVISÃO

Erika Nakahata

Luciane Helena Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tolstói, Liev, 1828-1910.

Os últimos dias de Tolstói / Liev Tolstói. — São Paulo :
Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

Título original: Last steps : the late writings of Leo Tolstoy.
ISBN 978-85-63560-11-7

1. Escritores russos – Biografia 2. Escritores russos –
Biografia – Últimos dias e morte 3. Tolstói, Leão, 1828-1910
I. Título

11-01167

CDD-928-917

Índice para catálogo sistemático:

1. Escritores russos : Biografia 928-917

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

Sumário

Introdução — Jay Parini	7
OS ÚLTIMOS DIAS DE TOLSTÓI	19
De <i>Uma confissão</i> [1882]	20
De <i>O primeiro degrau</i> [1891]	35
Onde está o amor, Deus também está [1885]	53
De <i>O reino de Deus está em vós</i> [1893]	68
De <i>O que é arte?</i> [1896]	94
Carta a Ernest Howard Crosby, de Nova York, sobre a resistência não violenta [1896]	104
Cartas sobre Henry George [1897]	117
Ciência moderna [1898]	123
Carta a um oficial de baixa patente [1899]	134
De <i>Mas precisa mesmo ser assim?</i> [1900]	142
Não matarás [1900]	150
Patriotismo e governo [1900]	158
Resposta à determinação do Sínodo de excomunhão, de 20-22 de fevereiro, e às cartas recebidas por mim a esse respeito [1901]	184
De <i>O que é religião e em que consiste sua essência?</i> [1902]	195
Carta sobre a educação [1902]	212
Apelo ao clero [1902]	216
O trabalho, a morte e a doença (Uma lenda) [1903]	242
Três perguntas [1903]	245
Aliocha, o Pote [1905]	250

Sobre Shakespeare e o teatro	
(Un ensaio crítico) [1906]	258
De <i>A lei da violência e a lei do amor</i> [1908]	331
Discurso para o Congresso da Paz	
em Estocolmo em 1909	338
Das <i>Cartas de Tolstói</i> [1895-1910]	346
Dos <i>Diários de Tolstói</i> [1900-10]	390
<i>Cronologia</i>	409
<i>Notas</i>	417

De *Uma confissão* [1882]

I

Fui batizado e criado na fé cristã ortodoxa. Ela me foi ensinada desde a infância e durante todo o período de minha adolescência e juventude. Mas aos dezoito anos, quando larguei a universidade no segundo ano, já não acreditava em mais nada daquilo que me fora ensinado.

De acordo com o que me lembro, nunca acreditei seriamente, tinha apenas confiança naquilo que me fora ensinado e no que os adultos pregavam para mim; mas essa confiança era muito instável.

Quando eu tinha cerca de onze anos, um menino em idade escolar que já morreu há muito tempo, Volódinka M., ao nos visitar num domingo, anunciou como se fosse uma grande novidade a descoberta que fez no liceu. A descoberta era que Deus não existe e que tudo o que nos é ensinado são apenas invenções (isso foi em 1838). Lembro-me de como meus irmãos mais velhos ficaram interessados e me chamaram para uma conversa. Todos nós, eu me lembro, ficamos muito agitados e recebemos a notícia como algo muito interessante e bastante possível.

Lembro-me ainda de que, quando meu irmão mais velho, Dmítri, que estava na universidade, de repente, com o entusiasmo próprio de seu caráter, entregou-se à fé e começou a frequentar todas as missas, jejuar, levar uma vida pura e moral, todos nós, até mesmo os mais velhos, zombávamos dele o tempo todo e, por algum

motivo, começamos a chamá-lo de Noé. Lembro-me de que Mússin-Púchkin, o diretor da Universidade de Kazan naquela época, que nos convidava para ir dançar em sua casa, tentou convencer meu irmão, que se recusou a ir, brincando que até Davi dançou diante da Arca. Naquele tempo, eu aprovava essas brincadeiras dos adultos e tirava a conclusão de que estudar o catecismo e frequentar a igreja é necessário, mas não é preciso levar isso muito a sério. Lembro-me de que ainda muito jovem lia Voltaire, e seus escárnios não me deixavam indignado, mas me divertiam bastante.

Meu desprendimento da fé ocorreu da mesma forma como acontece até hoje com pessoas com nosso tipo de formação. Parece-me que na maioria dos casos isso ocorre assim: as pessoas vivem como todo mundo, à base de princípios que, além de não terem nada em comum com a doutrina religiosa, na maioria das vezes são contrários a ela; a doutrina religiosa não faz parte da vida, tanto na interação com outras pessoas quanto na vida privada; essa doutrina religiosa é pregada lá longe, em algum lugar distante da vida e dissociado dela. Quando depara com ela, é apenas como um fenômeno externo, sem relação direta com a vida.

Agora, assim como outrora, é impossível descobrir pela vida e pelas ações de alguém se ele tem fé ou não. Se existe alguma distinção entre os que seguem abertamente a religião ortodoxa e os que a negam, esta não favorece os primeiros. Agora, assim como outrora, os que praticam abertamente a religião ortodoxa são, na maior parte, pessoas estúpidas, cruéis e imorais, que se consideram muito importantes. Por outro lado, a inteligência, a honestidade, a franqueza, a bondade e as virtudes morais em geral se encontram nas pessoas que se consideram descrentes.

As escolas ensinam o catecismo e enviam os alunos à igreja; dos funcionários públicos, exigem certificados de

comunhão. Mas uma pessoa de nosso círculo que não está mais estudando nem está no serviço público, agora e nos tempos antigos mais ainda, pode viver por décadas sem se lembrar uma vez sequer de que vive entre cristãos, e que ela própria é considerada uma seguidora da fé cristã ortodoxa.

Portanto, agora como outrora, a doutrina religiosa, aceita de boa-fé e mantida pela pressão externa, desaparece gradualmente sob influência do conhecimento e da experiência de vida opostos ao ensinamento religioso, e em geral o homem vive muito tempo imaginando que a doutrina religiosa que lhe foi ensinada desde a infância continua intacta, quando ela já desapareceu há muito tempo.

Certa vez S., um homem inteligente e honesto, contou-me como deixou de acreditar. Aos 26 anos, certa feita, à noite, ao se preparar para dormir no alojamento após uma caçada, seguindo um velho hábito adquirido desde a infância, ajoelhou-se para uma oração. Seu irmão mais velho, que o acompanhava na caçada, estava deitado no feno e olhava para ele. Quando S. terminou e começou a se deitar, o irmão lhe disse: “Você ainda faz isso?”. E nada mais disseram um para o outro. Desde aquele dia S. deixou de rezar e ir à igreja. Durante trinta anos ele não rezou, nem comungou, nem foi à igreja. Isso aconteceu não porque ele tomou alguma decisão em sua alma ao saber das convicções do irmão, mas simplesmente porque a palavra dita pelo irmão o atingiu como um empurrão com o dedo em uma parede pronta para cair com o próprio peso; essa palavra foi um indício de que lá onde ele achava que existia fé havia muito tempo era um lugar vazio, e por isso as palavras que pronunciava quando se benzia e fazia reverências durante a oração eram, em sua essência, movimentos completamente sem sentido. Ao se dar conta de sua falta de sentido, ele não podia mais continuar.

Penso que assim acontecia, e acontece, com a grande maioria das pessoas. Falo de pessoas de nosso nível de formação, falo de pessoas honestas consigo mesmas, e não daquelas que do próprio objeto da fé fazem meios para alcançar alguns objetivos provisórios. (Essas pessoas são as mais infiéis, já que, se para elas a fé significa um meio para a realização de alguns objetivos mundanos, isso certamente não é fé.) Essas pessoas de nosso nível de formação encontram-se no lugar em que a luz do conhecimento e da vida dissolveu a construção artificial, e elas ou já notaram isso e liberaram o espaço ou ainda não notaram isso.

Passado para mim desde a infância, o ensinamento religioso desapareceu dentro de mim da mesma forma como ocorreu nos demais, com a única diferença de que, por ter começado a ler e a pensar muito cedo, minha renúncia à doutrina religiosa se tornou consciente desde muito cedo. Desde os dezesseis anos deixei de ajoelhar para as orações, e voluntariamente parei de frequentar a igreja e de jejuar. Deixei de acreditar naquilo que me foi ensinado desde a infância, mas continuei acreditando em algo. Não saberia, de modo algum, dizer em que estava acreditando. Tinha fé em Deus ou, mais provavelmente, não negava Deus, mas qual Deus eu não saberia dizer; não negava Cristo e sua doutrina, mas em que essa doutrina consistia eu também não conseguiria dizer.

Agora, lembrando-me daquele tempo, vejo claramente que minha fé, ou aquilo que, além dos instintos animais, impulsionava minha vida, minha única e verdadeira fé, era a fé no autoaperfeiçoamento. Mas em que consistia o autoaperfeiçoamento e qual era seu objetivo eu não saberia dizer. Procurava aperfeiçoar-me intelectualmente — estudava tudo o que podia e tudo o que a vida punha diante de mim; procurava aperfeiçoar minha força de vontade — criava regras para mim mesmo e me esforçava para segui-las; aperfeiçoava-me fisicamente,

com a ajuda de diferentes exercícios aprimorava minha força e destreza, e através de diversas privações aprendia a ser mais resistente e a ter mais paciência. Tudo isso eu considerava autoaperfeiçoamento. O início de tudo foi, por certo, o aperfeiçoamento moral, mas logo ele foi substituído pelo aperfeiçoamento em geral, isto é, o desejo de ser melhor não para si mesmo ou diante de Deus, mas diante das outras pessoas. E logo essa aspiração de ser melhor que as outras pessoas se transformou no desejo de ser mais forte que os demais, em outras palavras, mais honrado, mais importante, mais rico que os outros.

XII

A consciência do erro do conhecimento racional me ajudou a me livrar da tentação de filosofar ociosamente. A convicção de que o conhecimento da verdade só pode ser encontrado no decorrer da vida me levou a desconfiar da correção de minha vida; mas a única coisa que me salvou foi ter conseguido me libertar de minha condição privilegiada e enxergar a vida de verdade, do povo simples e trabalhador, e entender que a verdadeira vida é essa. Percebi que, se eu desejo compreender a vida e seu sentido, não posso levar a vida como um parasita; devo vivê-la de verdade e, acatando o sentido que a verdadeira humanidade dá à vida e absorvendo-o, comprová-la.

Na mesma época acontecia comigo o seguinte. Durante todo esse ano em que a cada minuto me perguntava se não devia acabar comigo com um laço ou uma bala, durante todo esse tempo, além daqueles pensamentos e observações sobre os quais falei, meu coração se afligia com um sentimento doloroso. Tal sentimento não posso definir de outro modo senão como a busca por Deus.

Digo que essa busca por Deus não foi um raciocínio, mas um sentimento, porque essa procura não decorria

do fluxo de meus pensamentos, tendo sido, inclusive, oposta a ele, mas provinha de meu coração. Foi uma sensação de medo, de orfandade, de solidão num ambiente estranho e com a esperança da ajuda de alguém.

Apesar de estar bastante convencido da impossibilidade de provar a existência de Deus (Kant demonstrou e eu bem entendi que isso não pode ser comprovado), mesmo assim eu procurava Deus, esperava encontrá-Lo e, por força de um velho hábito, dirigia uma prece Àquele que procurava e não encontrava. Ora eu questionava em minha mente os argumentos de Kant e Schopenhauer sobre a impossibilidade de provar a existência de Deus, ora começava a refutá-los. A razão não é uma categoria do pensamento como o espaço e o tempo, eu dizia a mim mesmo. Se eu existo, para isso há razão, a razão das razões. E essa razão de tudo é aquilo que chamam de Deus; eu me detinha nesse pensamento e tentava com todo o meu ser tomar consciência dessa razão. E, tão logo eu entendia que há uma força sob cujo poder estou, imediatamente sentia a possibilidade de viver. Mas me perguntava: “O que é essa razão, essa força? Como devo pensar sobre ela, como devo me relacionar com aquilo que chamo de Deus?”. E apenas respostas familiares me vinham à mente: “Ele é o Criador, o Onisciente”. Essas respostas não me satisfaziam, e eu sentia que algo necessário para a vida desaparecia dentro de mim. Ficava horrorizado e começava a rezar para Aquele que estava procurando para que Ele me ajudasse. E, quanto mais eu rezava, ficava cada vez mais claro para mim que Ele não me ouvia e que não há ninguém a quem se possa dirigir. Com o desespero no coração por saber que não existe Deus, falei: “Deus, me perdoa, me salva! Deus, me ensina, meu Deus!”. Mas ninguém me perdoava e eu sentia que minha vida estava em suspenso.

Mais e mais, e a partir de diferentes perspectivas, eu tinha de admitir que não poderia chegar a este mundo sem nenhum motivo, razão e sentido, que não podia ser

um passarinho que caiu do ninho, como eu me sentia. Eu, como passarinho caído, pio deitado de costas no meio da grama alta, mas pio porque sei que minha mãe me gerou, chocou, aqueceu, alimentou e amou. Onde ela está, essa mãe? Se fui abandonado, então quem fez isso? Não posso negar a mim mesmo que alguém me deu à luz com amor. Mas quem é esse alguém? — De novo, Deus.

“Ele conhece e vê minhas buscas, meu desespero e minha luta. Ele existe”, eu dizia para mim mesmo. Era só reconhecer isso por um instante e a vida imediatamente crescia dentro de mim e eu sentia a possibilidade e o prazer de viver. Mas, de novo, do reconhecimento da existência de Deus, eu passava a buscar minha relação com Ele, de novo imaginava aquele Deus, nosso Criador, em três pessoas distintas, que enviou o Filho — o Salvador. E de novo esse Deus apartado do mundo, de mim, derretia como uma pedra de gelo diante de meus olhos, e de novo nada sobrava, de novo secava a fonte de vida, eu ficava desesperado e sentia não haver nada a fazer senão me suicidar. Mas o pior de tudo foi sentir que nem isso eu conseguia fazer.

Não foram duas ou três, mas dezenas e centenas de vezes que cheguei a esse estado — ora felicidade e ânimo, ora de novo desespero e a consciência da impossibilidade de viver.

Lembro-me de que, num início de primavera, eu estava sozinho na floresta escutando os sons do bosque. Eu escutava e pensava sobre a mesma coisa, assim como vinha fazendo durante os três últimos anos. De novo, estava em busca de Deus.

“Está bem, não há nenhum Deus”, eu dizia para mim mesmo, “não há ninguém que não seja a minha imaginação, apenas a realidade de toda a minha vida; Ele não existe. E nada, nenhum milagre, pode comprovar Sua existência, porque milagres serão a minha imaginação, ainda por cima irracional.”